

AVANÇO TECNOLÓGICO E IMAGINÁRIO NA AMAZÔNIA: EXCLUSÃO E ADAPTAÇÃO

Paulo Maués Corrêa
paulomauescorrea@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/0491326493716692>

RESUMO

No presente estudo, exponho considerações acerca da relação conflituosa entre avanço tecnológico e imaginário, no contexto específico da Amazônia, tomando, para tanto, histórias de personagens do maravilhoso dessa região, tanto os tradicionais (Cobra Grande, Curupira e Matinta Perera, por exemplo), quanto os mais “modernos” (caso de algumas visagens ou assombrações bastante conhecidas do povo). O objetivo é mostrar que há situações em que os personagens podem se adaptar ao progresso, ao passo que há outras em que simplesmente eles desaparecem ou se afastam daquele espaço.

Palavras-Chave: Imaginário, Lenda, Mito, avanço tecnológico, Progresso.

Durante minhas pesquisas acerca do imaginário amazônico, pude observar um fato: há uma tendência de afastamento de elementos associados ao imaginário sempre que ocorre certo avanço tecnológico ou progresso, especialmente quando impacta o espaço, mas há exceções, daí o subtítulo deste breve artigo – *exclusão e adaptação*. Isso é destacado, por exemplo, por Walcyr Monteiro (2003). No momento, a discussão se dá em torno do avanço das tecnologias digitais, porém o propósito aqui é abordar a associação entre tecnologia e imaginário num âmbito um tanto mais geral, aproveitando elementos de narrativas selecionadas que circulam no contexto amazônico, especialmente no Estado do Pará.

Trabalho, portanto, com uma feição de arte bem particular, que se convencionou chamar de Literatura Oral, porém prefiro adotar um conceito mais contemporâneo e que tem sido cada vez mais veiculado entre os estudiosos das poéticas orais: Poesia Vocal, expressão cunhada por Paul Zumthor, que a justifica devido ao seguinte fato:

a noção de “literatura” é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo: ela se refere à civilização europeia, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje. Eu a distingo claramente da ideia de *poesia*, que é para mim a de uma arte da linguagem humana, independente de seus modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas (2000, p.15).

Logo, a expressão de Zumthor substitui, coerentemente, Literatura Oral, primeiramente evitando a contradição evidente entre letra (literatura) e voz (oral), assim como a inconsistência temporal da utilização do termo “literatura” para expressar uma manifestação cultural que precede a palavra escrita e que vem de tempos imemoriais. Outra particularidade é que o autor resguarda o meio de propagação dessa produção: a voz.

Dito isto, destaco que uma das figuras mais representativas do imaginário amazônico é a Cobra Grande (Boiuna ou, em alguns lugares da Amazônia, Mãe d’Água). Conforme expus em outro trabalho, *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia* (CORRÊA, 2016a), ela pode se apresentar a partir de uma tripla possibilidade de exposição: 1) como uma cobra realmente de proporções enormes; 2) como um ser encantado, que, geralmente, aparece, em forma humana, a determinadas pessoas e pede que o desencante; e 3) como um navio encantado, ou outro tipo de embarcação, resguardando, portanto, o aspecto encantatório que possui o item anterior.

É justamente a terceira feição com que a Cobra Grande se apresenta que dialoga com o avanço tecnológico da região, pois ela, que, a princípio, se transformava somente em embarcações tradicionais, passou, a partir de determinado tempo, a ter a proporção de um navio. Essa significativa variedade de metamorfoses está presente, por exemplo, no comentário de Raimundo Moraes segundo o qual a Cobra Grande transforma-se “em navios, em barcos, em canoas, em galeras. Pelas noites escuras os seus olhos, à flor d’água, parecem dois faróis boiando” (2013, p.39).

Para Josse Fares, essa Cobra-navio, historicamente, está associada aos “navios dos colonizadores” (2001, p.45), que passaram a singrar os rios amazônicos e deixaram suas marcas nesse imaginário. Portanto, ocorre aqui uma espécie de “racionalização” da imagem da Cobra, algo similar ao que Gaston Bachelard observa, no contraponto com as asas dos pássaros, a respeito de imagens distantes no tempo, mas perfeitamente compatíveis em relação a seu caráter ascensional: “a imagem de Ícaro desempenha, na poética dos antigos, o mesmo papel do aeróstato (...), o mesmo papel que desempenha o avião” (1990, p.27-28).

Um exemplo marcante dessa associação entre cobra e navio está no caso da famosa ilha da Pacoca, situada no município de Abaetetuba, Pará, em torno da qual havia uma série de interdições, sendo vedada a aproximação de quem quer que fosse, e febre e dor de cabeça eram algumas das sequelas deixadas naqueles que não obedeciam a proibição de se deparar com o sobrenatural. Segundo a lenda, havia uma Cobra Grande que morava nessa ilha, e à noite, não só a cobra, mas toda a ilha se transformava em navio e subia o rio, naufragando aquelas embarcações que encontrasse pelo caminho, passando as almas dessas vítimas a ficar presas

dentro do navio. Essa imagem remete à figura de Caronte, o barqueiro que, na Mitologia Grega, transporta as almas para o reino subterrâneo de Hades, tal como destaca João de Jesus Paes Loureiro:

O caboclo é atraído pelos olhos luminosos da Boiuna ou pelas luzes do navio em que ela se transformou. Essa fascinante atração contemplativa torna-se fatal. Reaparece na cobra-navio, numa associação simbólica, a remota imagem de Caronte, o barqueiro da morte, que transporta os passageiros da última viagem ao tenebroso reino do averno (2001, p.226).

O registro literário mais antigo que se tem da Pacoca, até onde pude apurar, está na narrativa *O navio encantado*, do livro *Contos e Lendas Paraenses*, de Hygino Amanajás (Hygama), publicado em 1900. Nesse conto, o narrador assegura:

A crença geral insinuara ser este navio tripulado pelas almas dos infelizes náufragos que sucumbiam às ondas da – Pacoca –, quando demandavam a Freguesia, e muita gente afirmava ter reconhecido entre os tripulantes algum parente seu, que havia morrido afogado nessas águas terríveis (1900, p.32).

Tem-se aqui a ilustração dos navios fantasmas ou, nas palavras de Bachelard, “navios-infernos como o Holandês Voador” (1989, p.80). Curioso é que, assim como o avanço tecnológico não alijou a Cobra Grande, a letra, registrada em Hygama, também não apagou a voz, pois ainda há uma forte tradição oral em torno da Pacoca, fato ilustrado em minha pesquisa (CORRÊA, 2016a), mas também em *Abaetetuba Conta...*, um dos livros da *Série Pará Conta*, publicada sob a coordenação de Maria do Socorro Simões e Christophe Golder (1995), resultado do Projeto Integrado *O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense* (IFNOPAP), que teve como um de seus objetivos primeiros o registro em áudio, a “transcrição” e a publicação de narrativas orais que circulam nas várias regiões do Pará, projeto que se encontra ainda em total atividade.

Nesse livro, há mais de uma história em que a Pacoca aparece articulada às imagens da Cobra (natural) e do navio (tecnológico), mas destaco uma em particular, *A ilha da cobra* (contada por Elicilda P. de Carvalho e registrada por Dulcirema Fonseca), pela pouca extensão e por sintetizar o enredo básico de uma das versões mais conhecidas da narrativa, no tocante à tentativa de desencantamento da Cobra:

Falavam de uma bela ilha que, com a aproximação de pessoas, transformava-se em um lindo navio, todo luminoso.

Certo dia, um curioso resolveu desembarcar na ilha. Chegando lá, avistou um miritizeiro [palmeira típica da região], com uma enorme cobra toda enrolada, ao mesmo tempo uma voz forte lhe dizia:

— Você tem coragem?

Ele respondeu que “sim”, então, a voz lhe disse para que voltasse em casa e de lá trouxesse um copo de leite de peito e um terçado, e nela desse um golpe.

O homem foi em casa e voltou com o material, porém, não teve coragem para executar o serviço. Então a voz, dessa vez mais forte e brava, lhe disse:

— Desgraçado, redobreste meu encanto.

E, contam, desde aí, este passou a ter uma enorme dor de cabeça, o que lhe causou a morte (1995, p.50).

Nessa história, consta a forma mais famosa de desencantar a Cobra Grande [cortando-a com um terçado, geralmente, virgem e jogando leite de peito em cima do ferimento, mas há outras tantas variações (CORRÊA, 2016a)], bem como as consequências do contato com o sobrenatural [dor de cabeça], resultando na morte do desencantador fracassado.

Além da Cobra Grande, outro caso em que os personagens do imaginário amazônico se adaptaram ao novo contexto diz respeito a outros meios de transporte. Famosa em Belém é a história da *Moça do táxi*, jovem que apanha(va) um táxi para dar uma volta na cidade, desembarcava em frente ao Cemitério de Santa Izabel e pedia para o taxista cobrar a corrida no dia seguinte, na casa dos pais dela, momento em que o motorista tomava conhecimento de que a sua passageira do dia anterior já estava falecida há tempos. Uma referência acerca dessa história é o livro do já referido Walcyr Monteiro, *Visagens e Assombrações de Belém* (2003). Em outros tempos, personagens como essa moça apanhavam carruagens ou charretes, depois se engraçaram com bondes e, provavelmente, já devem estar fazendo uso de aplicativos de mensagens para chamar motoristas para a condução nesse passeio de tamanha singularidade.

Os meios de transporte fluvial e terrestre foram destacados até aqui, mas não são os únicos que possuem uma conexão com elementos do imaginário. Registrei a existência de um avião que aterrissa em outra ilha considerada encantada, a C'roa Grande, no Arquipélago do Marajó (CORRÊA, 2016a, p.130). As pessoas ouvem seu barulho, de longe o veem pousar na ilha, mas o detalhe é que não há pista de pouso nesse local interdito ao acesso da comunidade, pois lá embaixo haveria um reino encantado.

Afora a Cobra Grande e determinadas lendas de caráter mais urbano, no geral, as personagens mais tradicionais, quase sempre ligadas às matas, tendem, realmente, a uma fuga

do espaço, na medida em que o progresso se instala. Um exemplo desse caso é o Curupira, que se configura como um protetor da natureza, não havendo ocorrências de sua aparição em local em cidades. Nesse sentido, Eduardo Galvão relata que, em Itá (nome inventado por Charles Wagley para se referir à cidade de Gurupá, Pará), dentre os inúmeros personagens por ele elencados, como o Boto, o Anhangá, os companheiros do fundo e a Cobra Grande, o Curupira (grifado curupira, por ele), por ser um ente da floresta, não tem destaque na cidade, embora haja o respeito a ele: “A gente da cidade acredita em sua existência, mas ele não é motivo de preocupação porque os curupiras não gostam de locais muito habitados” (1976, p.72).

Sobre a Matinta Perera, pode-se dizer que, a princípio, tinha a seguinte feição, conforme Raimundo Morais:

Ave trepadora e que come insetos. Reputada como descobridora de mananciais, que assinala com a presença, o selvagem a tem como a encarnação de uma divindade silvestre. Às vezes ela se transforma num tapuinho capenga de barrete vermelho, segundo lenda, e é, então, o deus autóctone que castiga os meninos rebeldes, malcriados, travessos, desobedientes às mães e às avozinhas. Quando as crianças não se corrigem ela as furta de casa (2013, p.120).

No entanto, essa forma se modificou, e hoje a Matinta é vista como uma mulher, na maioria das vezes, velha, que se metamorfoseia em pássaro ou em outros animais e tira o sossego das comunidades da região, com o assovio que, segundo Josebel Akel Fares (2015, p.37), marca sua presença. Ela, inclusive, dá surras em pessoas desavisadas que ousam andar pelo mesmo caminho que ela ou desafiá-la. Nesse caso, a despeito da grande fama da personagem, uso as palavras de Monteiro,

À medida que o progresso vai chegando, e as aldeias se transformando em vilas e estas em cidades, tais personagens se afastam... É como se fossem inimigos do progresso e do desenvolvimento. Onde estes chegam, aqueles se retiram para lugares menos habitados... (2003, p.25).

A Matinta, porém, se mostra como uma personagem síntese das duas possibilidades apontadas neste trabalho, pois a configuração original indicada por Morais foi excluída, ocorrendo a sua adaptação a um novo contexto e a uma nova forma, contrariando, inclusive, a sentença escatológica de Santa-Anna Nery, feita em fins do século XIX: “O mito foi transformado na cidade e tende a desaparecer. Torna-se o cidadão menos crédulo talvez” (1992, p.72) – felizmente, a

previsão de Nery ainda não se concretizou. Galvão reforça a diferença da Matinta em relação a outros personagens: “Matintaperera é outra *visagem*, mas de hábitos opostos aos dos currupiras e anhangás” (1976, p.78).

O que se constata, a partir do conjunto aqui apresentado, é que, mesmo diante de um mundo marcado pelo avanço de tecnologias cada vez mais apuradas, o mito se constitui como uma das válvulas de escape para que o homem alcance o equilíbrio necessário entre o que Bachelard chama de “função do real”, que nos faz fincar os pés no mundo prático, e “função do irreal”, que nos permite a entrega ao devaneio, equilíbrio necessário, pois, conforme o filósofo, “Um ser privado da *função do irreal* é um neurótico, tanto como um ser privado da *função do real*” (1990, p.07).

Nesse contexto, o mito, tal como a arte, é necessário e, diferente do que muitos podem acreditar, está longe de morrer, pois, conforme afirmo em outro estudo,

O Mito, além de falar de belas histórias, fala da alma, fala de vida, de criação, de morte e destruição, enfim, ele abarca todas as questões que envolvem os sentimentos, harmoniosos ou angustiantes, da humanidade (CORRÊA, 1996b, p.19).

Portanto, a despeito das visões pessimistas, a tecnologia não apagará os personagens representantes do imaginário, expressão da poesia vocal de que nos fala Zumthor (talvez só provocar algumas modificações), tal como a chegada do computador e das novas tecnologias digitais não representou a morte do livro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CORRÊA, Paulo Maués. **Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2016a. (Coleção Lendas Amazônicas, 1)
- CORRÊA, Paulo Maués. **Mito e Educação: Mitologia Grega na sala de aula**. Belém: Paka-Tatu, 2016b.
- FARES, Josebel Akel. **Um Memorial das Matintas Pereras**. Belém: Fundação Cultural do Pará, 2016. (Prêmio Vicente Salles, Ensaio, do Instituto de Artes do Pará – IAP)

FARES, Josse. O Entorno da Serpente: um discurso do imaginário tecido em verbo e imagens. In: FARES, Josse, NUNES, Paulo. **Pedras de Encantaria**. Belém: Unama, 2001.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2.ed. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1976.

HYGAMA. **Contos e Lendas Paraenses**. Belém: J. B. dos Santos & Cia, 1900.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras, 2001. (Obras Reunidas, v.4)

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. 4.ed. Belém: Paka-Tatu, 2003.

MORAIS, Raimundo. **O meu dicionário de cousas da Amazônia**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013. (Edições do Senado Federal; v.175)

NERY, Frederico José de Santa-Anna. **Folclore Brasileiro**. 2.ed. Trad. Vicente Salles. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 1992.

SIMÕES, Maria do Socorro, GOLDER, Christophe (Coords.). **Abaetetuba Conta...** Belém: UFPA/Cejup, 1995. (Série Pará Conta, 3)

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

SOBRE O AUTOR:

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2001). Especialista em Literatura e Suas Interfaces, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2004). Mestre em Estudos Literários (UFPA, 2006). Doutorando em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado do Pará. Bolsista da CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa “Makunaíma: literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina”, do CNPq. Como ensaísta, recebeu quatro vezes o Prêmio Carlos Nascimento, no Concurso Literário Anual da Academia Paraense de Letras – APL (2000, 2004, 2008 e 2015), o Prêmio IAP de Edições Culturais/2008 e o Prêmio Literário do Edital Seiva (2017), da Fundação Cultural do Pará. Autor de livros sobre Literatura e cultura da Amazônia e infanto-juvenis.